

Florestas secundárias não suprem a função das que não foram desmatadas

Categories : [Salada Verde](#)

Mesmo levando quarenta anos para se recuperarem, as florestas secundárias --aqueelas que crescem novamente em áreas antes desmatadas -- continuam a ser espécies pobres em carbono, em comparação com as florestas primárias não perturbadas. Mas a vegetação recuperada ainda é de vital importância para a conservação da biodiversidade e armazenamento de carbono na Amazônia. São as conclusões do estudo [*Second rate or a second chance? Assessing biomass and biodiversity recovery in regenerating Amazonian forests*](#) publicado pela revista científica [*Global Change Biology*](#).

O estudo é de uma equipe de cientistas da Europa, do Brasil e da Austrália, que mediu o carbono e pesquisou mais de 1.600 espécies de plantas, aves e besouros em 59 florestas secundárias em regeneração natural e 30 florestas primárias não perturbadas na Amazônia Oriental em duas regiões, o município de Santarém e Paragominas, ambas no estado do Pará.

Os autores afirmam que proteger as florestas primárias deve ser uma prioridade, pois elas contêm mais biodiversidade e carbono do que as florestas de regeneração relativamente maduras. Ao mesmo tempo, a pesquisa mostra que a recuperação de florestas secundárias também pode desempenhar um papel ecológico importante como o fornecimento de serviços ecossistêmicos de alto valor, sequestro de carbono, conservação do solo e a manutenção de sistemas hídricos.

“Descobrimos que o carbono e a biodiversidade das florestas secundárias tiveram recuperação de mais de 80% em relação aos níveis encontrados em florestas primárias intactas”, disse o principal autor do estudo, Gareth Lennox, da Universidade de Lancaster, no Reino Unido.

A pesquisa adverte que apesar do potencial significado ecológico e socioeconômico das florestas secundárias, elas são frequentemente desmatadas de novo e, portanto, acabam por não fornecer quaisquer ganhos duradouros para a conservação. O professor Jos Barlow, coautor do estudo da Universidade de Lancaster explicou essa problemática: “Na

Amazônia brasileira, o tempo médio para que as florestas secundárias sejam novamente desmatadas é de apenas cinco anos. Além disso, nos trópicos, os regimes de manejo das florestas secundárias são cercados de incertezas legais, tomadas de decisões inconsistentes e subestimação crônica desses importantes ecossistemas”. “Para as florestas secundárias alcançarem o potencial sócio?ecológico que desvendamos sobre elas, onde os locais estão em regeneração por até 40 anos, elas precisam ser incorporadas como elementos?chave do gerenciamento da paisagem e do planejamento de conservação”, continua o professor.

Saiba Mais

[Second rate or a second chance? Assessing biomass and biodiversity recovery in regenerating Amazonian forests](#)

Leia Também

<https://www.oeco.org.br/reportagens/area-degradada-ajuda-meta-do-pais-no-clima/>

<https://www.oeco.org.br/colunas/marc-dourojeanni/16414-oeco-21452/>

<https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/29004-o-que-e-uma-floresta/>